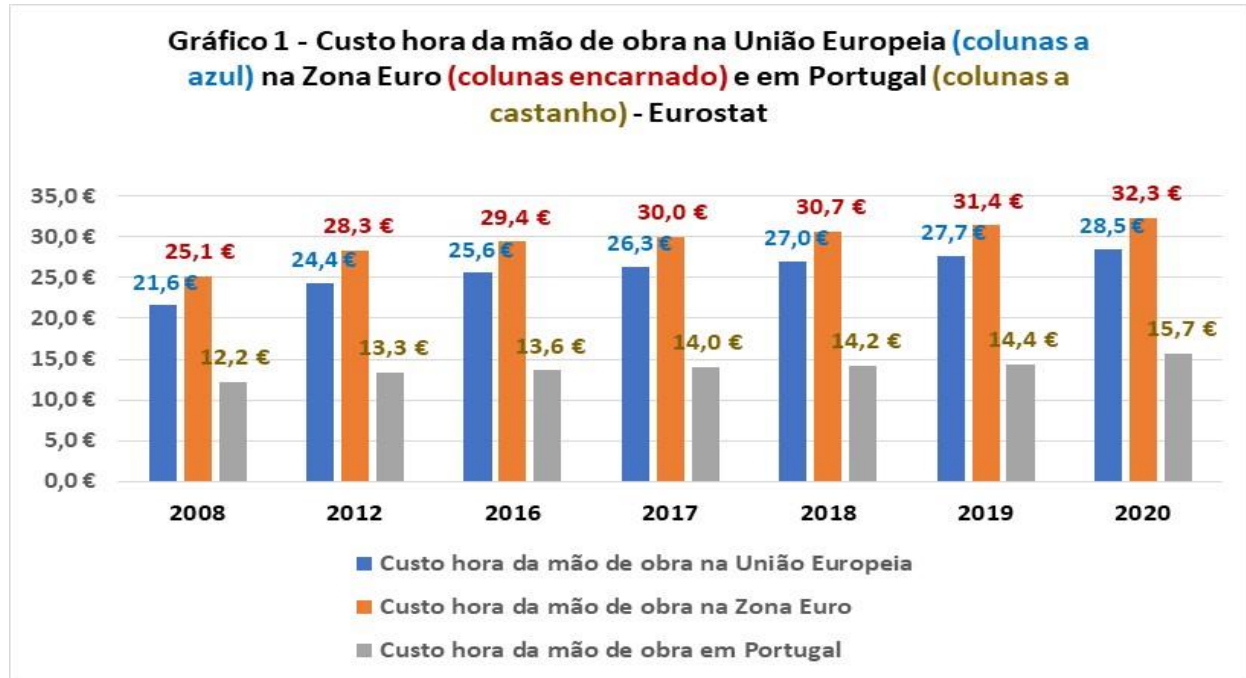


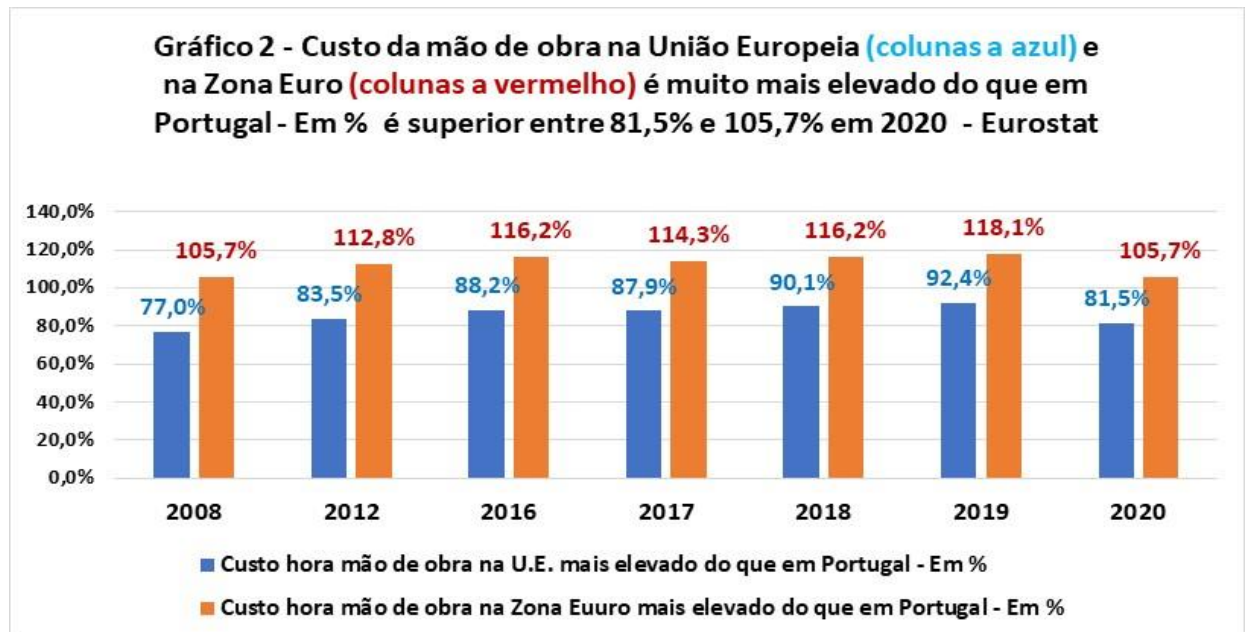
Se quiser receber gratuitamente estes estudos semanais inscreva-se em www.eugeniorosa.com

O MODELO DE “DESENVOLVIMENTO” DE PORTUGAL CONTINUA A BASEAR-SE EM BAIXOS SALÁRIOS E EM PRODUTOS DE MÉDIA-BAIXA E DE BAIXA TECNOLOGIA O QUE TORNA A ECONOMIA FRÁGIL, DEPENDENTE E MUITO VULNERÁVEL A CRISES COMO A ATUAL

Um dos aspetos que a grave crise de saúde pública, social e económica que enfrenta neste momento o país causado pelo COVID tornou visível foi a extrema fragilidade, dependência e vulnerabilidade da economia portuguesa o que determinou que os efeitos da crise estejam a ser devastadores, o que torna a recuperação muito mais difícil e demorada. E isto porque o modelo de “desenvolvimento” que continua a imperar em Portugal assenta fundamentalmente em baixos salários e em produtos de média-baixa e baixa intensidade tecnológica e de conhecimento. O gráfico 1, mostra os custos da mão obra em euros em Portugal, na União Europeia e na Zona Euro.



Em 2020, por ex., o custo hora da mão de obra em Portugal (15,7€) era menos de metade do custo hora da Zona Euro (32,3€) e pouco acima de metade da União Europeia (28,5€). Mas o gráfico 2, torna ainda mais clara a situação de que o modelo de “desenvolvimento” português continua a basear-se fundamentalmente em baixos salários e na sobre explorações dos trabalhadores portugueses, pois mostra com clareza quão são mais elevados os custos de mão obra na U.E..



Em 2020, o custo hora da mão obra na Zona Euro era superior em 105,7% ao de Portugal, e o da Zona Euro era 81,5% mais elevado do que no nosso país. Portugal continua a ser um maná para as empresas, nomeadamente as estrangeiras que pagam salários de países não desenvolvidos. Tudo isto mostra bem a sobre exploração a que estão sujeitos os trabalhadores portugueses.

Se quiser receber gratuitamente estes estudos semanais inscreva-se em www.eugeniorosa.com

O PESO REDUZIDO DO EMPREGO E DAS EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS DE ALTA E MÉDIA TECNOLOGIA E CONHECIMENTO EM PORTUGAL

O quadro 1 revela que no nosso país os produtos de alta e média tecnologia têm um peso muito reduzido na estrutura produtiva e nas exportações, que é muito inferior ao que se verifica na U.E.

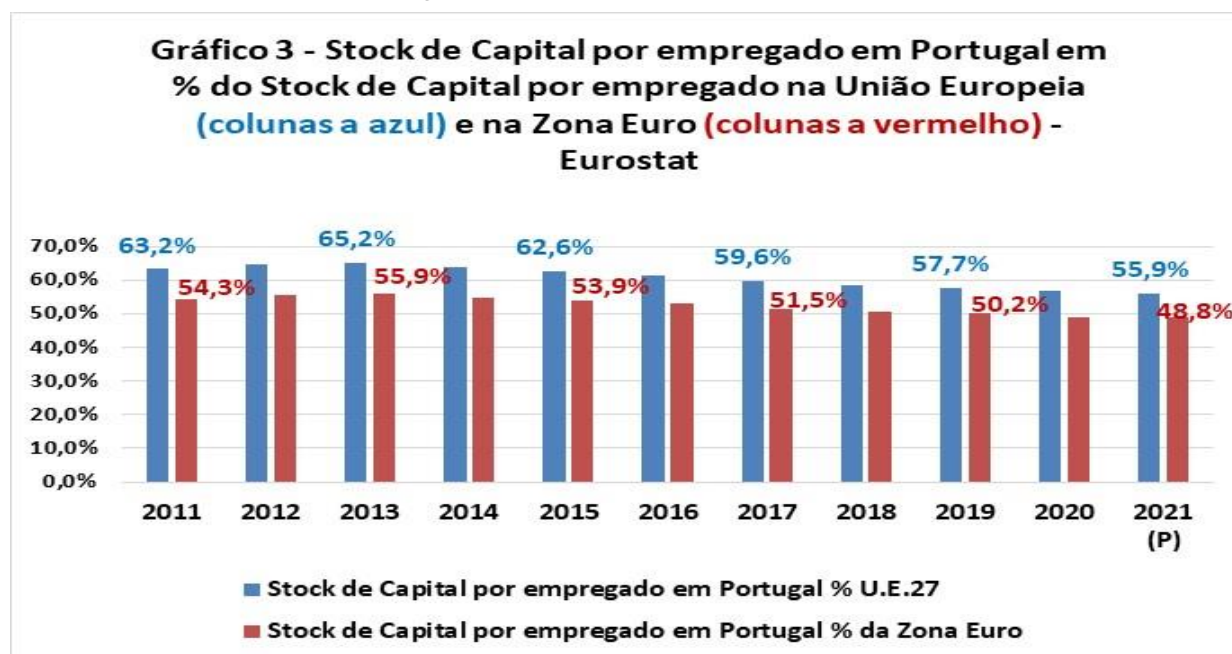
Quadro 1 – O peso percentual dos produtos de alta e média tecnologia e conhecimento quer na estrutura das exportações portuguesas que na estrutura produtiva do país

ANOS	U.E. - Exportações de alta tecnologia em % das exportações totais	Portugal - Exportações de alta tecnologia em % das exportações totais	U.E. -Emprego em alta e média tecnologia em % do emprego total	Portugal -Emprego em em alta e média tecnologia em % do emprego total
2008	15,4%	6,3%	6,1%	3,0%
2009	17,1%	3,7%	5,9%	3,0%
2010	16,1%	3,0%	5,8%	2,8%
2011	15,4%	3,1%	5,9%	2,9%
2012	15,7%	3,3%	5,9%	2,8%
2013	15,3%	3,4%	5,9%	2,7%
2014	15,6%	3,6%	6,0%	3,0%
2015	17,0%	3,8%	6,1%	3,0%
2016	17,8%	4,4%	6,2%	3,1%
2017	17,8%	4,5%	6,2%	3,3%
2018	17,9%	4,0%	6,2%	3,5%
2019			6,2%	3,3%

FONTE: Eurostat

Em 2018, a percentagem de produtos de alta tecnologia nas exportações totais portuguesas representou apenas 4%, enquanto a média dos países da União Europeia foi de 17,9%, ou seja, 4,5 vezes mais. O emprego em Portugal em setores de alta e média tecnologia representava, em 2019, apenas 3,3% do emprego total, enquanto na União Europeia correspondia a 6,2%. Estes valores revelam bem a fragilidade da economia portuguesa já que quer a estrutura das exportações portuguesas quer a estrutura produtiva do nosso país continua a assentar fundamentalmente em produtos de média-baixa e de baixa tecnologia e conhecimento, o que determina que a economia portuguesa, por um lado, seja extremamente vulnerável a crises e à concorrência externa e, por outro lado, esteja muito dependente de outros países em produtos de média-alta e alta tecnologia.

Tudo isto é também uma consequência do baixíssimo investimento quer privado quer público feito no nosso país como os dados seguintes claramente mostram



Em 2020, o stock de capital (*investimento*) por empregado era apenas 57,7% da média dos países da União Europeia e 50,8% dos da Zona Euro. E a previsão para 2021 é de agravamento desta relação. O próprio Estado dá o mau exemplo. Entre 2012 e 2020, o Investimento publico foi apenas de 34.012 milhões €, enquanto o Consumo de Capital Fixo público atingiu 47.300 milhões €. Isto significa que o novo investimento público foi inferior ao que se desgastou ou desapareceu pelo uso e pela obsolescência em 13.288 milhões €. Assim, é evidente que a produtividade do trabalho será baixa, e nunca teremos uma economia e um país desenvolvido. A obsessão do défice está a destruir o país, pois sem investimento não há nem uma economia forte nem progresso. **10 anos após a entrada da “troika”, o governo e as entidades patronais parecem nada ter aprendido para evitar a repetição da mesma situação.**

Eugénio Rosa – edr2@netcabo.pt – 10-4-2021